

# DISTOPIAS E NARRATIVAS MEDIEVAIS: SEMIOFERAS EM DIÁLOGO

ÉRICA R. GONÇALVES<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como as distopias modernas usam elementos simbólicos das narrativas medievais para levar ao leitor o que muitos teóricos classificam como um sinal de alerta sobre as consequências de regimes totalitários. Para esse estudo, usamos os conceitos de semiótica da cultura para entender como se dá este intercâmbio de elementos no engajamento do leitor, bem como a relevância de retomada dos medos arraigados na cultura social e campo simbólico religioso para entendimento da mensagem. Além disso, lançamos mão de autores que teorizaram sobre as distopias modernas e a respeito do imaginário e do simbólico na construção da identidade cultural da sociedade.

**Palavras-chave:** Distopia. Semiótica da Cultura. Imaginário Cultural.

## Introdução

Nos últimos anos, verificamos um aumento do consumo de narrativas distópicas no Brasil. O crescimento de vendas do gênero começa em 2017, quando *A revolução dos bichos*, de George Orwell, volta à lista dos mais vendidos, ocupando a 13ª posição e sendo a ficção distópica mais bem posicionada no *ranking* brasileiro publicada pelo Publishnews<sup>2</sup>. No ano seguinte, além de a obra subir uma posição na lista, *O conto da Aia*, de Margaret Atwood, chegava à 11ª colocação e vendia mais de 60 mil cópias.

Em 2019, *O conto da Aia* atingiu o quarto lugar na mesma lista, enquanto *A revolução dos bichos* passou para a sétima colocação e *1984*, também escrito por George Orwell, chegou ao 10º lugar do *ranking*. Em 2020 *A revolução dos bichos* fechou o ano na terceira colocação entre os mais vendidos e *1984*, na quarta. *O conto da Aia* figura em sexto lugar.

É importante destacar que, entre as obras citadas acima, a mais recentemente lançada é *O conto da Aia*, publicado pela primeira vez em 1985. Para registro, o livro *A revolução dos bichos* foi lançado em 1945, enquanto *1984* teve sua primeira publicação em 1949, ou seja, nenhum deles se caracterizaria como um lançamento no que diz respeito ao incremento de vendas.

O ano de 2020 marcou o centenário de criação da obra considerada a primeira distopia moderna. *Nós*, de levguêni Zamiátin, publicada pela primeira vez em 1924, inaugura o gênero literário que se consolidou no século XX e continua ganhando espaço atualmente. Na obra de Zamiátin, o protagonista é D-503, um matemático envolvido na construção da Integral, um veículo voador que fará viagens descritas como interplanetárias, e que escreve suas anotações

1 Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, mestre em comunicação também pela UMESp. Possui especialização em Língua e Literatura e graduação em Jornalismo. E-mail: rizzi.eric@gmail.com.

2 Publishnews é um portal de notícias especializado no mercado editorial.

sobre o cotidiano e as relações entre os milhares de números, masculinos e femininos, que habitam seu peculiar mundo sob o regime totalitário do Estado Único.

O súbito interesse por obras distópicas coincide com o crescimento de movimentos políticos e manifestações de grupos de extrema direita. Isso pode ser visto como uma identificação do público com essas narrativas por meio da familiaridade do tema, já que esse tipo de ficção tem como uma de suas principais características refletir a sociedade na qual está inserida (PEREIRA, 2018).

Leyla Perrone-Moisés (2016) analisa que os autores distópicos colocam em suas obras questões que geram identificação com o leitor, mas se abstêm de dar uma resposta ao problema: "A resposta cabe aos leitores, que não encontrarão nas obras literárias nenhuma autoajuda formulada como mensagem, conselho ou receita, mas um poderoso estímulo à sua própria percepção do real e à reflexão decorrente." (PERRONE-MOISÉS, 2016, pos 181)

Tais questões colocadas em pauta nas distopias não são algo completamente distantes da realidade. Leonir Cardoso Hilário (2013, pg 203) considera o romance distópico como um aviso de incêndio, chamando atenção para algo potencialmente perigoso em curso. "Em suma, a narrativa distópica busca chamar nossa atenção para as relações heterônomas entre subjetividade, sociedade, cultura e poder."

Antônio Candido (2006) traz como reflexão que a função social de uma obra depende de sua estrutura literária e está condicionada às representações mentais da sociedade na qual foi escrita. "A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte" (CANDIDO, 2006, p. 87).

Hilário também pontua que o campo literário deve ser considerado como o meio a partir do qual é possível analisar criticamente as forças que se articulam no mundo real, sendo uma forma de vivenciar o ambiente social retratado.

## Uma linha tênue entre o sonho e o pesadelo

Embora a literatura distópica surja por volta de 1920, o primeiro registro do uso do termo "distopia" é algo um pouco mais antigo e data de 1868, em uma fala do filósofo John Stuart Mill, no Parlamento inglês.

Para Moisés (2016), o cenário ao final do século XX anunciava o fim das ideologias e das utopias. Porém, isso não se concretiza em relação às ideologias, uma vez que grandes sistemas políticos submergiram pós guerra fria, mas outras correntes surgem em seu lugar, por exemplo, as ideologias religiosas e novos grupos extremistas.

A contraposição com a utopia não se restringe apenas a um prefixo. Enquanto a utopia é o relato de um não lugar, no sentido de uma realidade tão perfeita que não poderia existir em nossa sociedade, a distopia representa o lugar ruim, ou mal, onde as más condições sociais e culturais, bem como o autoritarismo estatal, elevam-se a um nível mais exacerbado que a realidade.

A distopia pode ser um desdobramento de uma utopia, que tem como principal objetivo criar uma sociedade ideal, mesmo que para isso liberdades sejam tolhidas. Uma vez colocadas em práticas, essas utopias não mais podem ser controladas, podendo se transformar em pesadelos coletivos.

Andityas Soares de Moura Costa Matos (2017) explica bem esse paradoxo usando como exemplo *A república*, de Platão.

Assim, na tão louvada República de Platão, por exemplo, não há lugar para a liberdade individual. Recordemo-nos que Platão entende ser a democracia uma forma corrompida de governo, motivo bastante para reservar a direção da sua cidade ideal unicamente aos sábios, que exerceriam o poder de forma autoritária. Ademais, o Estado platônico se assemelha a um esboço do Estado totalitário que a contemporaneidade conheceu, pois controla todos os aspectos da vida social, desde a educação das crianças – que seriam separadas dos pais na mais tenra infância – até a alocação dos indivíduos nos seus respectivos ofícios e profissões, o que se daria por meio de critérios objetivos estabelecidos pela pólis e não em razão da decisão pessoal dos próprios interessados. (MATOS, 2017, p.45)

O dialogismo entre as situações impostas como ideais, em contrapartida ao autoritarismo e privação de liberdade geradas por elas encontrado nas ficções distópicas, é uma parte importante para o processo semiótico envolvido nestas obras (LOTMAN, 1996)

A privação da liberdade e da individualidade é um dos elementos mais presentes nas distopias modernas. Em *Nós*, como o próprio nome da obra explicita, não há identidades individuais, apenas uma existência coletiva. A primeira grande exposição deste fato é revelado ao se perceber que os habitantes deste mundo governado pelo Estado Único não possuem nomes, apenas números e letras, e são designados como números feminino ou masculino. O protagonista-narrador D-503 deixa isso bem claro ao se apresentar para o possível leitor de suas anotações:

Eu sou D-503, o construtor da “Integral”, apenas mais um dos matemáticos do Estado Único. Minha pena, habituada às cifras, não tem o poder de criar músicas com assonâncias e rimas. Apenas tentarei registrar aquilo que vejo, o que penso – ou, mais exatamente, o que nós pensamos (precisamente: nós, e “Nós” será o título das minhas anotações). (ZAMIATIN, 2017, pos. 7)

Em outro trecho, D-503 explica em detalhes como cada hora do dia de todos os números são estritamente planejadas, com exceção das duas horas pessoais, quando cada um pode escolher o que fazer dentro de um cardápio organizado de coisas, como, por exemplo, dar um passeio com outros milhares de números que se organizam em filas de quatro pessoas, e marcham compassadas.

Aos números que habitam o mundo de *Nós*, também é negada qualquer tentativa de identidade pessoal construída por meio de diferenças físicas, cortes de cabelo ou mesmo vestimentas. Todos têm as cabeças raspadas rentes e usam uniformes o tempo todo. O vestuário é um dos itens que compõem a identidade individual e transmitem mensagens sobre quem os usa, a qual grupo pertence, classe social e outros elementos de *status*. Ao ser privado de escolha, o indivíduo passa por um processo de massificação e controle.

Esse movimento de controle do que o indivíduo pode ou não usar não é uma construção puramente ficcional, mas uma ferramenta de controle usada já na Idade Média, quando a identidade na parte ocidental da Europa obedecia a normas rígidas que definiam a vestimenta

de cada classe social. A sociedade moderna, a partir do século XVIII, começa a quebrar essas regras e se proliferam diferentes formas de vestir, bem como novas identidades em torno disso (KELLNER, 2001).

A moda oferece modelos e materiais para a construção da identidade. As sociedades tradicionais tinham papéis sociais e códigos suntuários relativamente fixos, de tal modo que o traje e a aparência indicavam instantaneamente a classe social, a profissão e o status da pessoa. (KELLNER, 2001, p. 336)

A forma de se vestir constitui mais que uma construção estética, ela é também um elemento de comunicar rebeldia e desejo de quebrar barreiras, sair do óbvio e, muitas vezes, desafiar a sociedade, impondo por meio das roupas uma ideologia e uma forma de pensar. (KELLNER, 2001).

Este trecho de interação entre o protagonista D-503 e o número feminino I-330, quando I aparece vestida fora do padrão imposto pelo Estado Único e é questionada por D, deixa claro essa negação da identidade ao uniformizar a vestimenta:

- É claro - I interrompeu - ser original, isso significa destacar-se dos outros. Portanto, ser original é romper com a igualdade... O que na linguagem idiota dos antigos chamava-se "ser banal", o que para nós significa apenas cumprir o seu dever. Porque... (ZAMIÁTIN, 2017, pos. 37)

## Elementos comuns entre narrativas medievais e as distopias

Uma análise mais detalhada das ficções distópicas revela semelhanças entre essas obras e as narrativas medievais. Encontrados nas distopias, tais correspondências entre conceitos religiosos e seculares dão ao gênero características de peças moralizantes (GOTTLIEB, 2001).

Erika Gottlieb explora essas semelhanças entre a estrutura narrativa de textos medievais e as distopias modernas. Enquanto o primeiro tipo de narrativa trabalha a moralidade e a obediência popular colocando em cena questões entre o paraíso e o inferno num conflito espiritual entre salvação da alma ou danação eterna, o segundo grupo usa estes medos no âmbito social, transportando-os para a arena do Totalitarismo x Liberdade.

If the central drama of the age of faith was the conflict between salvation and damnation by deity, in our secular modern age this drama has been transposed to a conflict between humanity's salvation or damnation by society in the historical arena. (GOTTLIEB, 2001, p. 3)

Em *Nós*, fica claro que todo vestígio de emoção, liberdade e a fé como se conhecia foram extirpados, assim como a manifestação repentina desses sentimentos; é vista como doença e passível de duras penas, ao mesmo tempo que foram substituídos por outras práticas igualmente reguladas. Em uma das notas de D-503, ele deixa a questão muito esclarecida: "Sem dúvida, o discurso não se trata da 'Lei de Deus' dos antigos, mas da lei do Estado Único [N. do A.]" (ZAMIÁTIN, 2017, pos. 50).

Os estudos do imaginário também se propuseram a entender a formação de movimentos totalitários na Europa do século XX e um dos postulados desta corrente teórica é que o fascismo seria uma forma exacerbada do misticismo religioso, dando ao fenômeno uma visão

coletiva. Neste contexto entram em cena as utopias, que ganham nova força numa tentativa de respirar um mundo ideal (LEGROS *et al*, 2007, p.92)

Analisando essas sobreposições com a ajuda da semiótica da cultura, mais especificamente sob a teoria formulada por Iuri Lotman, podemos entender essa aparição de elementos de narrativas medievais e peças moralizantes nas distopias como um intercâmbio entre essas semiosferas, de forma que os elementos façam parte de ambas e as duas narrativas surtam efeito moralizantes, cada uma ao seu modo, na audiência.

Entendendo semiosfera como o local no qual os sistemas se interrelacionam e a semiose acontece, podemos analisar o intercâmbio de textos e sistemas entre os gêneros narrativos em discussão. Para essa análise, destacaremos aspectos do livro *Nós* no intuito de auxiliar a aplicação da teoria da semiótica da cultura no entendimento do intercâmbio de elementos medievais para as distopias modernas.

## A figura do Messias

Se, nas narrativas medievais, Deus e a Igreja apareciam como fontes de todo conhecimento e por isso deveriam ser seguidos e temidos, nas distopias modernas esse papel é cumprido pelo Estado totalitário. Especificamente em *Nós*, temos o Estado Único, sob o nome de Benfeitor, uma figura com características míticas que não é uma pessoa e sim uma entidade, cumprindo a função de Deus nas narrativas medievais.

E em cima, no Cubo, ao lado da Máquina havia uma figura como feita de metal, a que nós chamávamos de Benfeitor. Daqui debaixo, não se podia distinguir seu rosto: apenas se via que ele era determinado por traços severos, grandiosos e quadrados. (ZAMIÁTIN, 2017, pos.55)

O pensamento distópico é delineado pela oscilação entre a máscara do messias, apresentada como o salvador moderno, e a face cruel do ditador, que vai se construindo ao longo da obra como uma verdade antes não visualizada. É esse balanço que cria o suspense nesse tipo de ficção. Segundo Gottlieb (2001), o século 20 é propício à proliferação da ficção distópica justamente devido à ascensão de falsos messias na forma de estados ditatoriais e totalitários.

Throughout the nineteenth century the world awaited a secular Messiah to redress the ills created by the Industrial Revolution in a double incarnation: first as science, which was to create the means to end all poverty, and second as socialism, which was to end all injustice. By eagerly awaiting the fulfilment of these promises, the twentieth century allowed the rise of a false Messiah: state dictatorship. (GOTTLIEB, 2001, p. 5)

Tracemos um paralelo entre a Igreja medieval e o Estado totalitário moderno. Nesse contexto, podemos destacar o medo como principal elemento para a obediência sem questionamentos. O mito da entidade superior que tudo vê é um dos mais poderosos instrumentos de dominação que já se teve notícias.

O estudo do mito se faz necessário para entender como esses medos se constroem culturalmente e impactam povos de todas as épocas e com crenças variadas, sendo que esses mitos são imprescindíveis para entender a própria civilização moderna (WOLCJEKOWSKI,

2009) Esses mitos, fundadores ou criados através dos tempos, por vezes se misturam com a própria literatura.

O mito literário tem, então, como “matéria-prima”, o mito etno-religioso, e, tirando o valor de verdade que a religião dá ao mito, o mito literário é aquele elemento que se torna recorrente dentro da literatura, seja uma personagem, seja um lugar. (WOLCJEKOWSKI, 2009, p. 20)

A relação social com o mito nos dá uma luz sobre a associação entre as narrativas medievais e as distopias, uma vez que reitera a indissolubilidade destes fenômenos e a vida em grupo (LEGROS *et al*, p.85). Por essa ótica podemos vislumbrar o reconhecimento e apropriação de elementos simbólicos medievais nas distopias contemporâneas.

Retomando o conceito de semiosfera de Lotman (1996), podemos pensar nesses mitos religiosos como um elemento que transita entre a narrativa medieval e a ficção distópica. No segundo gênero, o paradoxo entre fé e terror na ação dessa entidade toda poderosa, que pode salvar ou castigar a humanidade, alimentado por séculos, é a forma encontrada na literatura para modelizar os textos religiosos medievais em narrativas modernas.

Apesar de possuir características próprias, a semiosfera é por conceito um ambiente irregular e dinâmico, o que propicia a criação de novas informações dentro dela; desta forma, a presença de textos e sistemas simbólicos míticos permitiriam a construção de novos textos, que são reconhecíveis por analogia.

La presencia constante en la cultura de una determinada reserva de textos con códigos perdidos conduce a que el proceso de creación de nuevos códigos a menudo sea percebido subjetivamente como una reconstrucción (rememoración) de códigos viejos (LOTMAN, 1996, p. 31)

Se analisarmos as narrativas distópicas modernas como uma forma de alerta sobre o que pode acontecer caso a sociedade não promova mudanças, usar a mitologia religiosa como forma de chamar a atenção é algo profícuo no âmbito literário. Nele se pode ter liberdade para a criação de mundos ficcionais e emitir sinais de alerta por meio de narrativas fictícias.

## Punição exemplar

Outro fator que aparece tanto nas distopias modernas quanto nas narrativas medievais são as punições aos cidadãos que se desviam da regra geral imposta. Em ambos os gêneros, o papel dessas ações é claramente gerar medo e, por meio deste, manter a ordem geral, punindo aqueles que questionarem ou destoarem dos códigos morais e sociais vigentes.

Mais do que a aplicação de uma pena capital ao dito criminoso, esses momentos punitivos são um reforço do poder vigente, uma manifestação pública das consequências que podem ser sofridas pelos rebeldes. Em uma das anotações, D-503 descreve em detalhes uma dessas execuções:

(...) meus olhos e milhares de outros olhos, se voltaram para cima, para a Máquina. Lá, a mão sobre humana fez o terceiro gesto. E, oscilando por um vento invisível, o criminoso caminhou lentamente, um degrau, depois outro, o último passo de sua vida com o rosto virado para o céu e a cabeça atirada para trás, em seu último ato. (ZAMIÁTIN, 2017, pos. 57)

Tal relato de execução em praça pública nos remete aos rituais medievais de caça às bruxas e punição aos pagãos que não se encaixavam nas regras cristãs. Tais punições fazem parte do imaginário do medo das sociedades ocidentais, mas, assim como a modelação de Deus em um Estado totalitário, aqui vemos essa transmutação do carrasco. Da figura da Igreja e do rei, para a figura que representa o Estado.

Além da pena capital em *Nós*, o Estado Único aplica outras medidas igualmente radicais. Ao final do livro, o protagonista D-503 relata um novo tratamento aplicado em massa, que remete ao procedimento de lobotomia. Ele próprio é submetido a tal procedimento, revelando mais uma vez o ímpeto em castrar qualquer tipo de desvio do padrão.

Ao teorizar sobre a economia das trocas simbólicas, Pierre Bourdieu (2013) recorre a Max Weber, autor que trabalha o simbólico religioso como um sistema no qual crenças e práticas mantêm a estratégia de diversos grupos lutando pelo monopólio da salvação e está em linha com Karl Marx ao afirmar que a religião cumpre uma função de manter a ordem social que contribui para a legitimação e manutenção da relação dominante/dominado.

Gottlieb (2001) pontua também que o julgamento do protagonista é a expressão da injustiça, que também revela a conspiração da elite dominante e desmascaramento da utopia que foi vendida. Esse momento no qual o protagonista é julgado revela ainda a forma bárbara como as sociedades distópicas resolvem infrações.

Em *Nós*, a medida de massa é aplicada após a descoberta de um grupo dissidente que pretendia sequestrar a Integral, veículo espacial construído, dentre outros matemáticos, por D-503. Faz parte deste grupo I-330, um número feminino que se aproxima do protagonista e faz, segundo ele mesmo define, adoecer. I-330 é a representação da subversão no mundo do Estado Único, e conduz D-503 ao limite de sua obediência, mostrando que nem tudo é como o estado mostra. I-330 é punida com a morte na Máquina ao fim do livro, enquanto D-503 passa pelo procedimento chamado Grande Operação.

Evocar essa representação medieval da punição exemplar em praça pública é uma forma de trazer para a distopia moderna um texto há séculos conhecido, e temido, pela humanidade: o julgamento e punição executados por quem detém o poder, seja a Igreja no período Medieval, seja o Estado no totalitarismo, sem possibilidade de defesa ou argumentação.

Iuri Lotman (1990) destaca a memória como uma das funções do texto, já que este não é apenas um gerador de novos significados, mas também um condensador de memória cultural, na medida em que adquire interpretações que a ele se incorporam, gerando um espaço de significado criado pelo texto em torno de si mesmo, relacionando-se com a memória cultural e adquirindo vida semiótica.

Segundo Lotman (1990, p.18): "One might expect a text as it lives through the centuries to become faded and to lose the information contained in it. Yet texts that preserve their cultural activity reveal a capacity to accumulate information, i.e. a capacity for memory."

## Conclusão

Neste artigo, abordamos algumas semelhanças simbólicas encontradas nas estruturas narrativas medievais e na ficção distópica. Quando analisado por meio da semiótica da cultura, entendemos que esse intercâmbio de elementos faz parte da construção e manutenção da semiosfera à qual pertence o gênero literário distópico.

Podemos entender que a presença de elementos das narrativas medievais nas obras distópicas modernas teriam como objetivo fomentar no leitor um terror já familiar, evocado pelos mitos, arquétipos e símbolos presentes na narrativa religiosa há séculos, modernizados por meio de modelações de seus atores. As figuras religiosas como a Igreja e seus representantes, inclusive o rei em alguns casos, antes responsáveis pela sorte dos cidadãos, são substituídas por entidades estatais, por governantes soberanos, que cumprem esse mesmo papel.

Ao verificar que esse gênero atua como um sinal de alerta sobre os desdobramentos de um determinado sistema autoritário sobre uma sociedade, a distopia cumpre um papel importante na colocação de perguntas e reflexões para a sociedade, mantendo seu objetivo inerentemente crítico (MOISÉS, 2016).

Apresentando pontos de reflexão, o campo literário, por meio das distopias, também cumpre seu papel como um meio a partir do qual é possível analisar criticamente as forças que se articulam no mundo real (HILÁRIO, 2013).

Por fim, incorporando à sua própria semiosfera elementos das narrativas medievais e das mitologias religiosas, as distopias criam uma nova semiosfera, na qual é possível dialogar com novos medos a partir de elementos culturalmente arraigados.

É importante pontuar que o uso de elementos familiares à sociedade e com uma função definida, reconhecíveis por uma cultura ou uma semiosfera, cria uma identificação ao alerta, já que tais textos não necessitam de novas semioses para serem incorporados ao repertório de medos, uma vez que eles já são entendidos como tal.

Sob a ótica da sociologia do imaginário, entendemos esse movimento como parte da constatação dessa área de estudo, dispondo que é o fator simbólico que liga a sociedade e que move o coletivo (LEGROS *et al*, 2007). No caso das narrativas medievais, esse movimento teria como objetivo a salvação da alma; já nas distopias, a salvação da própria sociedade democrática.

## MEDIEVAL DISTOPIES AND NARRATIVES: SEMIOSPHERES IN DIALOGUE

### ABSTRACT

*This work aims to analyze how modern dystopias use symbolic elements from medieval narratives to provoke in the reader what many theorists classify as a warning sign about the consequences of totalitarian regimes. For this study, we will use the concepts of the semiotics of culture to understand how this exchange of elements occurs in the engagement of the reader, as well as the relevance of the recreation of fears rooted in the social culture and religious symbolic field, to the understanding of the message. In addition, we will make use of other authors who have theorized about modern dystopias and the imaginary, as well as the symbolic in the construction of the society's cultural identity.*

**Keywords:** *Dystopia. Semiotics of the Culture. Cultural Imaginary.*

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- GOTTLIEB, Erika. **Dystopian fiction east and west – Universe of terror and trial**. Canadá: McGill-Queen’s University Press, 2001.
- HILÁRIO, L. C. **Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade**. Anuário de Literatura, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18n2p201. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>. Acesso em: 13 dez. 2020.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru (SP): Edusc, 2001.
- LEGROS, Patrick et. al. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- LOTMAN, Iuri. **La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- LOTMAN, I. **The universe of the mind: a semiotic theory of culture**. London/New York: Tauris, 1990.
- MATOS, A. S. de M. C. **Utopias, distopias e o jogo da criação de mundos**. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 24, n. 1 e 2, p. 40–59, 2018. DOI: 10.35699/2316-770X.2017.12600. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/12600>. Acesso em: 13 dez. 2020.
- MOISÉS, Leyla Perrone. **Mutações da literatura no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- WOLCJEKOWSKI, Mauricio Moraes. **Utopia/Distopia e Discurso Totalitário: uma análise comparativo-discursiva entre Admirável mundo novo, de Huxley, e A república, de Platão**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- ZAMIÁTIN, Ievgueêni Ivánovitch. **Nós**. São Paulo: Aleph, 2017.
- Data de submissão: 28/12/2020
- Data de aceite: 13/02/2021